

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

JOÃO VICTOR SPINELLA

O Recreio: Um Videodocumentário sobre o Bullying nas Instituições Escolares

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

JOÃO VICTOR SPINELLA

O Recreio: Um Videodocumentário sobre o Bullying nas Instituições Escolares

Memorial referente ao Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Eugene Francklin
Coorientador: Albert Rego Ferreira

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2019

Muitas escolas hoje, numa visão goffimiana, podem ser qualificadas como instituições totais ou, mais precisamente, com tendência ao fechamento. E dentro de muitas delas, por desconhecimento ou inação sobre a prática do bullying, as iniciativas para discutir a temática entre vítimas e agressores [...] é muito tímida. Frise-se, por ora, que as vítimas de bullying, em muitas situações, acreditam serem merecedoras de diferentes tipos de violência caracterizadas como bullying e estão tão constrangidas a ponto de não terem coragem de se manifestar, ficando em silêncio, reclusas no seu próprio sofrimento.

Dezir Garcia da Silva

AGRADECIMENTOS

Nem consigo acreditar que escrevo nesse momento os agradecimentos deste importante documento. Chegar até aqui foi a realização de um sonho e a conclusão de uma importantíssima etapa da minha vida. Ao longo dessa trajetória tive experiências e aprendi lições que jamais poderei me esquecer. Antes de qualquer coisa agradeço imensa e especialmente a minha mãe, Andreza. Desde sempre foi minha melhor amiga e meu porto seguro. Ela é responsável por tudo que eu sou e tudo que conquistei, devo tudo à ela. De mesmo modo, agradeço ao meu padrasto por todo carinho, preocupação e suporte que ele ofereceu para mim e minha família. Agradeço também aos meus avós e tios por sempre me acolherem e me incentivarem a ir cada vez mais longe. Agradeço ao meu irmão que trouxe luz às nossas vidas e à minha amada tia Perla por ter marcado nossos corações e nossa lembrança.

Agradeço à todos os professores e guardo com carinho cada ensinamento obtido ao longo dessa jornada e, principalmente, à minha orientadora Eugene pela paciência e dedicação com meu trabalho e eu. Agradeço também ao meu co-orientador e amigo Albert, por todas as referências e orientações adquiridas ao longo desse trajeto. Todos vocês fazem parte deste trabalho, obrigado por tudo!

Sou eternamente grato à todos os meus colegas da COM 16 por terem me acompanhado nessa trajetória e terem feito da minha experiência acadêmica uma lembrança única. Além deles, agradeço imensamente à todos os colegas das demais turmas da COM que estiverem presentes na minha vida nesses 4 anos e que sempre lembrarei com muito carinho. Agradeço especialmente aos meus melhores amigos Gabriel, Yan e Maíra por sempre terem me apoiado, me ajudado, por estarem comigo nos momentos bons e também nos ruins, sempre me acolhendo com amor, além de colocarem a mão na massa comigo na realização deste trabalho. Agradeço também à Alícia, por ter me aguentado nos meus momentos de desespero e por ter me apoiado o tempo todo.

Além disso, agradeço de coração à todos os funcionários do DCM que viveram essa etapa comigo e, ainda, me salvaram de todo e qualquer problema que enfrentei na graduação. Carla, Jones, Priscila, Diogo, Albert, Rafael, Juliano e Leandro me apoiaram em qualquer

problema que tive. Foram telefonemas, choros, gravações, assinaturas, documentos... Eles me livraram de todas! Obrigado por tudo.

Agradeço por cada projeto que já participei, realizei e coordenei, além dos estágios que realizei ao longo da graduação. Todos eles me permitiram aprender novas coisas e aprimorar minhas habilidades, de forma a me proporcionar um grande crescimento profissional. Em especial, sou grato ao CineCOM que me acolheu de uma forma muito carinhosa e me agregou muito profissionalmente. Agradeço imensamente à editoria de Rádio que me proporcionou aprender e experimentar diversas coisas e que abriram meus horizontes com o meio radiofônico, adoro vocês galera.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Viçosa e à cidade de Viçosa, por me proporcionarem uma experiência universitária, acadêmica, profissional e pessoal incrível. Cada obstáculo, tombo, perrengue, festa, conversas e ensinamentos que tive aqui ao longo desses anos ficaram eternizadas em minha memória, e sempre serão lembradas como os melhores momentos de minha vida. Espero ter a oportunidade de revê-la novamente, quem sabe em breve.

RESUMO

O *bullying* é uma violência caracterizada pela agressão (verbal, física, psicológica ou virtual) de um indivíduo ou grupo de indivíduos contra uma ou mais pessoas, de forma repetida e sem motivação evidente. Mesmo com a instauração do Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) através da lei Nº 13.185 de 6 de novembro de 2015 instaurada pela então Presidente da República, Dilma Rousseff, o *bullying* ainda é uma realidade que atinge cerca de 50% dos alunos de instituições escolares ao redor do mundo. Mesmo assim, percebe-se que no dia a dia há pouco entendimento sobre grande parcela da sociedade sobre as características e comportamentos que de fato classificam um ato de violência como *bullying*. Sendo assim, o documentário “O Recreio” apresenta relatos e experiências vividas por vítimas e demais agentes dessa prática, expõe informações estruturais pertinentes ao bullying, com o intuito de informar e sensibilizar o telespectador com a temática, além de abrir base para a reflexão entre a relação do bullying com o fenômeno conhecido como *School Shooting*, caracterizado por ataques terroristas realizados em instituições escolares.

PALAVRAS-CHAVE:

Bullying, Documentário, Reportagem, School Shooting.

ABSTRACT

Bullying is a violence featured by aggression (verbal, physical, psychological or virtual) by a person or a group of people against one or more people repetitively without a reason. Even with the introduction of the program against bullying through law 13.185 of 6th november 2015 by the former president Dilma Rousseff, bullying still is a reality that affects about 50% of the students on school institutions around the world. Even though, it is clear that everyday life there is little understanding about characteristics and behaviors that actually classify an act of violence as bullying. Thus, the documentary “O Recreio” presents reports and experiences lived by victims and other agents of this practice, exposes structural informations to bullying, with the purpose of informing and sensitizing the viewer with the theme besides opening the basis for reflection between the relationship of bullying to the phenomenon known as School Shooting, featured by terrorists attacks performed in school institutions.

KEY WORDS:

Bullying, Documentary, News, School Shooting

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1: REFLETINDO SOBRE O BULLYING.....	9
1.1 O Bullying e suas principais características.....	9
1.2 Os School Shootings e sua relação com o bullying.....	12
2: O DOCUMENTÁRIO E SUA APROXIMAÇÃO COM AS REPORTAGENS.....	13
3: RELATÓRIO TÉCNICO.....	17
3.1 Pré-produção	17
3.2 Produção	19
3.3 Pós-produção	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26
ANEXOS	28

INTRODUÇÃO

A prática do *bullying* é um fenômeno moderno que muito preocupa a comunidade educadora e aos núcleos familiares. Uma pesquisa realizada pela ONU em 2016 aponta que, em média, 50% dos alunos das instituições escolares já vivenciaram episódios de *bullying*. No Brasil, essa taxa é de 43%, ficando próxima à média dos valores encontrados nos países da América Latina como: Argentina (47,8%), Chile (33,2%), Uruguai (36,7%) e Colômbia (43,5%). No âmbito virtual a situação também é preocupante. Segundo uma pesquisa de 2018 realizada pela Ipsos sobre *Cyberbullying*¹, no Brasil, 29% dos pais relatam que seus filhos já passaram por situações de *bullying* na internet.

Apesar do debate sobre o assunto nos ambientes escolares ter aumentado nos últimos anos, ainda se vê muitas dificuldades ou falta de preparo em algumas instituições ou profissionais para lidar bem com essa questão. A grande maioria dos professores ainda carecem ser capacitados para saberem como proceder com episódios de *bullying* ocorridos dentro das salas de aulas. Essa situação é mais observada, normalmente, em colégios públicos onde a falta de verba não confere aos dirigentes e pedagogos estrutura e capacitação básica para lidarem com essa questão.

Já em colégios particulares, a tendência é que os profissionais da educação possuam mais estrutura e instrução para lidar com esse tipo de violência, uma vez que a instituição possui mais recursos para investir nesse âmbito. Isso não é uma regra, uma vez que deve-se lembrar sempre que instituições privadas também são geridas por meio de interesses econômicos, ou seja, em muitos casos alguns episódios de *bullying* não sofrem intervenção por parte dos diretores da instituição por envolver alunos que possuem pais com grande poder aquisitivo e de influência.

Por outro lado também, deve-se ressaltar que em muitos casos, ao serem chamados para falar sobre um(a) aluno(a) que pratica *bullying* com seus colegas, os pais se negam a aceitar a realidade de seus filhos serem agressores e não seguem as instruções da direção para sanar o problema, seja na escola pública ou particular. Além de que, principalmente em escolas públicas, muitas crianças sofrem violência no ambiente familiar e acabam reproduzindo esses comportamentos em sala de aula. Em casos como esse há professores que temem tratar sobre o assunto com os pais com o receio de acarretar em punições severas às crianças.

¹ <https://www.ipsos.com/en/global-views-cyberbullying>

A partir da minha experiência pessoal com o *bullying*, tendo sido vítima dessa violência, sempre me interessei pelo assunto e achei de grande importância o debate e a reflexão sobre o mesmo. Enquanto cidadão consumidor de produtos midiáticos, e também, como estudante de Comunicação Social, observei que existem poucos produtos nacionais disponíveis na internet que veiculem informações e relatos que permitam a reflexão sobre o assunto. Ainda nesse contexto, observou-se alguns exemplos de vídeos circulados na internet que pregavam um discurso de negação ao *bullying*, utilizando-se de argumentos que “isso é coisa de criança mimada”, que “se você sofreu *bullying* é só praticar de volta” e ainda “na minha época a gente resolvia isso na mão”. Discursos como esses, no meu entendimento, funcionam como um desserviço para a temática do *bullying*, culpabilizando de certa forma as vítimas que se encontram em situação de inferioridade.

Além disso, ao me distanciar do ambiente escolar e passar a frequentar o ambiente universitário, percebi que o tema *bullying* sofreu uma certa generalização e banalização, sendo ressignificado muitas vezes e perdendo seu real sentido. Em muitas situações, presenciei pessoas relatando que foram vítimas de *bullying* a partir de pequenos episódios de violência rotineiros, que muitas vezes não pareciam configurar *bullying*. Não pretendo diminuir as experiências de violência vivenciadas por ninguém, apenas argumento que o *bullying* se configura principalmente pela repetição de violências de diversas escalas contra um mesmo indivíduo, sem motivação evidente, não podendo classificar como *bullying* um episódio ocasional de violência vivenciado por um indivíduo, por exemplo.

A partir dessas percepções, me senti motivado a realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso no formato de projeto experimental audiovisual abordando sobre a temática do *bullying*, agregando informações básicas, dados estatísticos e relatos sobre o assunto, com o intuito de informar, instruir e conscientizar o espectador sobre essa violência que traz diversas consequências físicas e psicológicas para as crianças que a vivenciam. Com ele, espera-se integrar e agregar o arquivo de materiais informacionais sobre *bullying* nas mídias sociais e, se possível, na mídia tradicional, com o objetivo de fomentar a discussão e a reflexão sobre essa importante temática contemporânea.

1: REFLETINDO SOBRE O BULLYING

1.1 O *Bullying* e suas principais características

O termo *bullying*, criado em 1970 na Noruega, atualmente é definido como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, dentre eles chutar, empurrar, excluir, apelidar e espalhar boatos. Ocorrem entre colegas sem uma motivação evidente, repetidas vezes, em que um grupo de alunos ou um aluno com mais força, ataca um outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender. (NETO, 2005, p.165)

Trata-se de uma relação interpessoal em que existe uma relação de força desigual entre os indivíduos envolvidos; os agressores ocupam uma posição de poder superior às vítimas através de variados fatores como força física ou mental, idade, gênero, status social, dentre outros. As práticas que ocorrem no *bullying* tem objetivo de humilhar, diminuir, zombar da vítima, o que traz graves consequências para as mesmas no âmbito da saúde emocional e psicológica.

Para Bandeira e Hutz (2012), existem quatro participantes chave na dinâmica do *bullying*, cada um com suas particularidades e características próprias que definem seu papel dentro dessa relação. São eles os agressores, as vítimas, as vítimas-agressoras e as testemunhas.

Os agressores, que se encontram em posição superior de poder e exercem tal poderio através de agressões repetidas e sem motivação evidente através de violências físicas e/ou psicológicas. Jorge e Campos (2010) defendem que normalmente esses indivíduos provêm de famílias desestruturadas com pouco relacionamento afetivo, ou são expostos a episódios de violência em seu meio familiar, costumam mostrar pouca empatia ao outro, hábitos violentos e comportamento temperamental.

As vítimas são os alvos das agressões e se encontram submissos na relação de poder. São escolhidos aleatoriamente pelos agressores e normalmente são indivíduos considerados “diferentes”, seja por aspectos físicos, mentais, de personalidade, pela sua etnia, religião, orientação sexual, gênero etc.

O maior grupo desse contexto é o de testemunhas. São considerados vítimas e espectadores mutuamente, configuram aqueles indivíduos que presenciaram casos de *bullying* e, normalmente, não se manifestam com medo de se tornarem novas vítimas.

Temos ainda, de acordo com as autoras, o grupo das vítimas-agressoras, indivíduos que foram expostos a situações de *bullying* e passaram a reproduzir tais comportamentos; nele se encontram as vítimas que tiveram sequelas extremas de sua experiência com o *bullying* e se voltam contra a comunidade escolar em busca de vingança, sendo protagonistas de atentados terroristas.

Além desses atores, Berger (2007) ainda aponta quatro diferentes classificações do *bullying* incluindo o físico, verbal, relacional e eletrônico. O físico envolve socos, chutes, empurrões e pontapés assim como furto e depredação de bens pessoais, e tendem a diminuir com o avanço da idade. O *bullying* verbal consiste em piadas e apelidos humilhantes, ofensas e disseminação de boatos, para o autor esse tipo de violência é mais comum que o *bullying* físico e tende a piorar com o avanço da idade. O relacional, implica diretamente nas relações pessoais da vítima, ocorre ao se excluir ou ignorar a participação de um indivíduo no meio social de forma deliberada. Esse tipo de violência torna-se mais prejudicial a partir da puberdade fase em que as relações e os laços sociais se desenvolvem com maior intensidade. E ainda o *bullying* eletrônico, ou *cyberbullying*, caracterizado por ataques, ofensas e ameaças proferidas através de meios eletrônicos e redes sociais. (BERGER, 2007)

Grande parte da importância dos estudos sobre a temática *bullying* se dá pelas graves consequências negativas que essa prática pode oferecer para seus participantes. De acordo com Calhau (2010), o *bullying* pode causar nas vítimas, dentre outras coisas, o estresse, que é responsável por 80% das doenças da atualidade como diminuição da resistência imunológica, dores de cabeça, tontura, dores musculares, etc. Além disso, Jabes e Costa (2013) afirmam em seu artigo que as vítimas podem apresentar reações como sintomas depressivos, apresentar baixo rendimento escolar, isolamento, falta de concentração dentre outras reações que interferem diretamente no desenvolvimento e no aprendizado do indivíduo.

O *bullying* pode desenvolver, ainda, sequelas graves que podem desencadear comportamentos patológicos. Uma pesquisa feita pelo *Canadian Medical Association Journal*² revelou que crianças expostas a situações de *bullying* apresentam duas vezes mais chance de apresentar depressão, três vezes mais probabilidade de desenvolver ansiedade e 3,5 vezes mais propensas a ter pensamentos suicidas ou tentar suicídio. Essas consequências são marcadas pela internalização da dor e da culpa dos episódios de violência.

² <http://www.cmaj.ca/content/190/2/E37>

Em 6 de novembro de 2015, a então Presidente da República, Dilma Rouseff, sancionou, através da lei Nº 13.185, o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional. A lei constrói ao longo de seus parágrafos a definição do *bullying* e os comportamentos que o configuram.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.³

O programa não prevê punições aos autores dessa prática ou a seus familiares, tendo como objetivo maior a instauração de medidas para prevenir o *bullying*. Dentre elas, destacam-se a capacitação de professores e pedagogos para implementação de atividades e discussões sobre o tema, realização de campanhas de conscientização, assistência psicológica para vítimas e agressores. A lei ainda propõe que se evite punições aos agressores e que se dê preferência para “mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil (BRASIL, 2015)”.

Mesmo com a sanção da lei Nº 13.185, o prática do *bullying* vem sendo uma das grandes preocupações dentro das salas de aula. Segundo dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)⁴, 17,5% dos adolescentes que participaram da pesquisa afirmam sofrer algum tipo de violência caracterizada como *bullying* algumas vezes por mês, dentre elas, exclusão, piadas, ameaças, agressões físicas e empurrões, dano a pertences e rumores. Além disso, 9% afirmou ser vítima frequente de *bullying*.

Muitas escolas e profissionais carecem, ainda, de informações sobre o tema que os possibilitem identificar e lidar com o problema de forma a melhorar o rendimento individual e coletivo dos alunos e, também, auxiliá-los na construção do caráter e da individualidade possibilitando aos jovens que fortaleçam suas relações interpessoais.

É de fundamental importância que se conheça os fatores que caracterizam a prática do *bullying*, bem como suas causas, as diferentes formas em que o fenômeno se dá, os diferentes agentes que compõem a prática, as consequências causadas nos indivíduos - não somente das vítimas, mas também dos demais participantes desse fenômeno-, assim como observar e

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm

⁴ http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf

analisar as relações de poder envolvidas nesse contexto, as fronteiras entre *bullying* e preconceito e os papéis sociais que englobam o tema.

1.2 Os *School Shootings* e sua relação com o *Bullying*

Existem casos em que a dor e culpa das vítimas da prática do *bullying* são externalizadas, o que também traz resultados drásticos. Em 2011, o psiquiatra norte americano Timothy Brewerton, responsável pelo tratamento de alguns dos sobreviventes do atentado à escola em Columbine (1999), apresentou um estudo apontando que, dos 66 ataques terroristas ocorridos em escolas de 1966 a 2011, 87% dos atiradores tinham sido alvos de *bullying* e tinham como motivação a vingança.

Esse fenômeno conhecido como *School Shooting* ou “Tirroteios em Escolas” se caracteriza por indivíduos que se voltam contra instituições escolares na posse de armas e abrem fogo deliberadamente contra alunos, professores e funcionários. Um relatório feito pelo Serviço Secreto dos Estados Unidos em parceria com o Departamento de Educação dos Estados Unidos revisou mais de 30 episódios desse fenômeno com o intuito de observar e compreender esse fenômeno para desenvolver possíveis prevenções a essa prática. O relatório não traça um perfil comum aos atiradores, uma vez que, diferentes fatores podem fazer parte dessa realidade. Entretanto, são apontados alguns pontos que normalmente se observam nessa dinâmica, dentre elas o *bullying*.

Ressaltam-se a dificuldade dos atiradores em lidar com perdas significativas e falhas pessoais, interesse por mídia violenta (filmes, jogos, livros e outros), o fato de terem sido ou estarem sendo vítimas de perseguições e humilhações de colegas, a manifestação de comportamentos anteriores que sinalizavam que eles precisavam de ajuda, dentre outros. (VIEIRA et al, 2009, p.497)

Em casos como o Massacre de Columbine⁵ e o Massacre Virginia Tech⁶, ambos nos Estados Unidos, e o Massacre de Realengo⁷, no Brasil, o *bullying* foi evidenciado como uma prática recorrente na trajetória escolar dos atiradores enquanto alunos das instituições que faziam parte. Portanto, é de fundamental importância que se dê a atenção necessária para o

⁵<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/13/massacre-em-columbine-nos-eua-completa-20-anos-em-abril-r-elembre.ghtml>

⁶ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/12/massacre-em-universidade-deixou-32-mortos-em-2007.html>

⁷<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>

fenômeno *bullying*, para que seja possível prevenir tal prática com o intuito de se blindar de episódios de extrema violência como esses.

2: O DOCUMENTÁRIO E SUA APROXIMAÇÃO COM AS REPORTAGENS

O formato documentário foi a estrutura básica para se pensar na construção deste trabalho. Suas técnicas e sua proposta matriz de descrever e interpretar o mundo a partir da experiência coletiva, obtendo informações que são tomadas como “lugares de revelação” e de acesso à verdade de uma pessoa, lugar ou fato (MELO, 2002, p. 28.) o exalta como uma ferramenta eficiente para tratar de uma violência da sociedade contemporânea.

Para Penafria (1999), o documentário possui alguns pontos elementares em sua estrutura e proposta, segundo ela:

[...] é absolutamente essencial que as imagens digam respeito ao que tem existência fora dele. Esta é a principal e primeira característica do documentário. A segunda, já em estúdio, é a organização das imagens obtidas *in loco* (esse material poderá eventualmente ser trabalhado com outro, por exemplo, legendas, sons, etc.) segundo uma determinada forma; [...] A organização força o filme a não se pautar por uma mera descrição, apresentação descaracterizada ou sucessão sem propósito aparente, das imagens obtidas *in loco*.” (PENAFRIA, 1999, p. 39)

As imagens *in loco* são caracterizadas por serem captadas no ambiente natural daquele que seria o ator do filme. Dessa forma, esses atores são personagens reais postadas no próprio ambiente em que vivem (PENAFRIA, 1999, p.39). Isso configura ao filme uma certa aproximação com o fato, trazendo credibilidade e contextualização ao fato narrado.

Ainda se tratando de suas técnicas, uma característica básica do documentário é a organização do material *in loco* na etapa de pós-produção que é a responsável por envolver e prender a atenção do telespectador à narrativa apresentada (PENAFRIA, 1999, p.41). Nesta etapa de finalização, a montagem pode agregar às imagens *in loco* os registros fotográficos e sonoros (SANTOS, 2019, p.5) além de imagens de *off*, *backgrounds* e passagens, técnicas essas que serão abordadas mais à frente.

Além disso, os documentários permitem dar visibilidade e suporte a indivíduos que precisam de espaço para suas vozes. A partir da sua estrutura e da sua linguagem, o

documentário permite a construção de uma narrativa que busque identificação do espectador para com determinado assunto, o que configura “a voz do documentário”:

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. Assim como a trama, o argumento pode ser apresentado de diferentes maneiras. (NICHOLS, 2001, p.73)

Para Melo (2002) essa voz confere ao documentário seu caráter autoral, em que a costura das vozes existentes no filme no final resultem na exposição do ponto de vista do autor: “Tudo é trabalhado para assinalar o ponto de vista do diretor” (MELO, 2002, p.32). Sendo assim, a seleção das fontes, dos enquadramentos, dos discursos apresentados pela fonte e pelo narrador, todas elas são recortes e representações da realidade que refletem o ponto de vista argumentado pelo documentarista.

A partir de sua voz e suas demais técnicas, o formato documentário tem como característica a possibilidade de, através do vídeo e do áudio, expor aspectos importantes da realidade social em que vivemos. Segundo Nichols (2001)

os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões filmicas do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário com o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS, 2001, p.27)

Os documentários têm a implicação social de persuadir o espectador de um determinado olhar do mundo que nos rodeia além de abranger uma dimensão social de educação pública, em que se apresenta um problema e uma solução para o mesmo, fazendo com que a sociedade possa contribuir para superar o problema abordado (PENAFRIA, 1999, p.49). Além disso, esse formato confere à figura do documentarista uma maior liberdade em função da rara ligação com o mercado e seus respectivos interesses, dando maior estrutura para abordar temas diversos em diferentes formatos para atingir o espectador. (SOUZA, 2007, p.5)

Além dessas características essenciais do gênero documentário incorporados ao presente trabalho, usou-se para compor sua estrutura também algumas técnicas que o aproximam das grandes reportagens televisivas. O intuito de hibridizar mais de um formato do fazer jornalístico se deu pela intenção do presente documentário de tentar não priorizar a

informação em detrimento dos relatos, e vice-versa. O trabalho tem como objetivo expor relatos de vivências com o *bullying*, a fim de gerar identificação e sensibilização por parte do espectador, bem como apresentar informações e dados relevantes e estruturais do *bullying*, e propor reflexões acerca dos possíveis desdobramentos que essa prática pode causar.

O primeiro ponto a destacar dessa hibridicidade é a utilização de passagens, com o locutor posto no papel de repórter (aquele que reporta algo) para expor informações e dados estatísticos sobre a prática do *bullying*, conferindo um certo distanciamento do assunto característica das reportagens. Esse distanciamento foi utilizada para dar credibilidade à fala do locutor, uma vez que a mesma traz informações relevantes sobre a prática do *bullying* que foram apuradas a partir de bibliografias, estatísticas e relatos de profissionais que trabalham com o tema. Além disso, para Carvalho (2010, p. 15): “A presença do repórter no vídeo chama a atenção do telespectador. Assim, a passagem costuma trazer a informação mais importante da reportagem”.

Essas informações colocadas na fala do locutor foram apresentadas seguindo um modelo típico das reportagens: o *lead*. O *lead* se compromete a responder questões básicas do fazer jornalístico: o quê, quem, onde, como, por quê? Essa estrutura foi selecionada para apresentar informações básicas e relevantes sobre a prática do *bullying*, com o intuito de instruir o telespectador sobre o assunto, dando a ele informações necessárias para identificar o *bullying* caso ocorra em seu meio social. Para Souza:

A relação entre jornalismo e documentário se dá quando a notícia ajuda no encadeamento da narrativa documental e por essa razão vem sendo utilizada com frequência nos documentários. Se já existe um material que sintetiza o lead, recorrer a ele pode ser uma eficaz estratégia para agilizar a narrativa do documentário, que deverá se preocupar com outros “porquês” (SOUZA, 2007, p.6)

Mesmo se utilizando de técnicas das reportagens, o presente trabalho se identifica com o gênero documentário também pela narrativa do mesmo. No ponto de vista de Santos:

Diferentemente das reportagens, que exibem começo, meio e fim, os documentários sugerem, conduzem o raciocínio do telespectador, sensibilizam e, por fim, revelam uma nova forma de ver um acontecimento, tanto do passado quanto do presente ou futuro. (SANTOS, 2017, p. 153)

Essa nova forma de se ver um acontecimento, citada por Santos, se dá no presente trabalho pela abordagem feita sobre a temática do *bullying* trazendo informações, dados e

relatos sobre o *bullying* a fim de contextualizar, abordar a temática e sensibilizar o telespectador. Por fim, é proposta uma reflexão sobre o assunto, apresentando um novo olhar para o mesmo.

Sendo assim, buscou-se explorar neste trabalho a oportunidade de realizar um projeto experimental na área de audiovisual se utilizando de diferentes técnicas que transitassem em mais de um formato, sendo eles o documentário e a reportagem. A partir da junção de ferramentas como narrações e imagens em off, imagens *in loco*, passagens, relatos, dados estatísticos, dentre outros, foi possível criar uma narrativa objetiva, didática e sensível para o tema proposto, resultando em um produto híbrido.

3: RELATÓRIO TÉCNICO

3.1 Pré-produção

Durante a pré-produção do documentário foram consultadas diversas bibliografias sobre a temática central *bullying* com o intuito de compreender melhor sobre suas características e consequências. Também foram consultadas reportagens e pesquisas científicas para coletar dados estatísticos sobre a ocorrência do *bullying* e reflexões teóricas sobre o assunto. Em especial, foi enviada uma solicitação de estatísticas ao portal e-SIC (Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão) com o propósito de obter os seguintes dados: ocorrência de práticas de *bullying* em Minas Gerais; levantamento de perfil socioeconômico das vítimas e dos agressores; ocorrências por região/municípios de práticas de *bullying*; levantamento de práticas de *bullying* que resultaram e ocorrências policiais; medidas e políticas existentes voltadas para o combate ao *bullying*; e demais informações relacionadas ao tema.

A solicitação foi feita no dia 29 de agosto de 2019 e o prazo estabelecido para retorno do órgão foi até o dia 30 de setembro de 2019. Após atraso na entrega das informações e do contato feito via telefone com o órgão, as informações só foram recebidas no dia 04 de novembro de 2019. Por conta da data, as informações não foram incorporadas no roteiro do documentário, mas estarão em anexo neste memorial para fins de divulgação de informações e estatísticas públicas de relevância para o argumento central do trabalho.

Além disso, nesse momento, deu-se início à busca das fontes que iriam compor a narrativa do documentário através de seus relatos. Para tal, foi feita uma postagem em um grupo da rede social *Facebook* da Universidade Federal de Viçosa, que contém atualmente 63.931 mil membros⁸, agregando grande parte da comunidade estudantil da instituição. A postagem propunha que os usuários que já vivenciam episódios de *bullying* e/ou que tivessem algum vínculo profissional com o assunto que se manifestassem para relatarem seus casos e experiências. A postagem contou com 48 comentários e a partir deles foram selecionados dois dos três relatos que vieram a compor a estrutura do documentário.

A seleção deu prioridade para relatos que envolvessem crianças que vivenciam episódios de *bullying* nos dias atuais, com o intuito de mostrar a relevância do assunto atualmente, além dos profissionais que trabalhassem diretamente com o tema. Foram

⁸ <https://www.facebook.com/groups/universidadefederaldevicosa/> Acesso em: 15/11

selecionados inicialmente 6 fontes para realização de entrevistas para colher relatos e informações sobre a temática central. Dentre as fontes selecionadas, duas mães para relatar as experiências de seus filhos e duas vítimas para relatar suas próprias experiências de infância. Além disso, foram selecionadas uma psicóloga com experiência profissional com o *bullying* e uma diretora e proprietária de um colégio particular, para obter informações centrais sobre a temática e também para compreender o papel das instituições de ensino na prevenção e combate ao *bullying*.

A primeira mãe é Paloma Marília Cardoso Firmino, de 32 anos. Paloma é mãe de João Henrique Cardoso de Andrade de 7 anos de idade. Na entrevista Paloma relatou sobre episódios de *bullying* vivenciados por João em colégio particular da cidade de Viçosa no estado de Minas Gerais, que tinha por motivação o fato de João ser negro. Este relato foi selecionado para compor o documentário uma vez que retrata uma criança que sofreu esse tipo de violência nos dias atuais, além de expor que o racismo é uma das motivações para o *bullying* também.

A segunda mãe é Naiara Aparecida Lourenço, de 30 anos. Naiara é mãe de Artur Moreira Coutinho de 10 anos, que aos 5 foi alvo de *bullying* no colégio particular em que estudava e que ao mudar para uma escola pública passou a reproduzir esses comportamentos com seus novos colegas. Esse relato também foi selecionado por se tratar de uma criança que se encaixa em um segundo papel da prática do *bullying*, o das vítimas agressoras, retratando a tendência dos indivíduos de reproduzirem os comportamentos agressivos percebidos e vivenciados no âmbito social.

Também foi feito contato com mais duas vítimas de *bullying*: Rafael Humberto Machado e Donizetti. Ao contatar Rafael através de redes sociais, o mesmo enviou um relato escrito sobre sua experiência com o *bullying* e como ele via na mídia as representações dessa violência e as reproduzia na escola tentando usar como uma opção para se livrar das perseguições. Já Donizetti prestou seu relato também escrito via rede social reportando sua experiência com o *bullying* praticado por um professor seu, que chegou a resultar em um boletim de ocorrência na polícia quando Donizetti levou uma arma para a escola na intenção de disparar contra o professor. Ambos acabaram não prestando seus relatos em vídeo para compor o documentário. Rafael atualmente reside em Sete Lagoas, o que acabou inviabilizando o encontro e, Donizetti, parou de responder quando questionado sobre a

disponibilidade de prestar seu relato. Por conta de seu caso ter tomado proporções policiais, seu sobrenome foi propositalmente ocultado neste memorial.

A terceira fonte entrevistada foi a psicóloga Eliane Pereira Messias, que abordou informações acerca do *bullying* como suas principais características, sobre os papéis envolvidos nessa violência, a função dos pais e das escolas e as consequências dessa prática. Em primeiro momento, as imagens feitas de Eliane chegaram a compor o roteiro do documentário, mas por questões de limite de tempo do documentário de 25 minutos sugerida pelo co-orientador e também devidos a problemas técnicos na captação dessas imagens, ela foi retirada da versão final, sendo utilizadas as informações obtidas das entrevistas para compor as falas do locutor gravadas posteriormente.

A quarta e última fonte entrevistada foi Tânia Theophilo de 53 anos, diretora e proprietária do colégio particular Piano de Pano localizado na cidade de Nova Friburgo no Rio de Janeiro, em que a mesma prestou declarações sobre sua experiência com o *bullying* tanto na escola pública quando era professora quanto como diretora em seu próprio colégio. O contato com essa fonte foi feito por intermédio de sua filha Maíra Amaral, minha amiga pessoal, que indicou sua mãe para relatar sua experiência com o tema. Nesse âmbito, a proprietária falou sobre a cultura *antibullying* que desenvolve dentro da escola, se utilizando de contato direto com os pais sobre a temática, além de atividade extracurriculares para abordar o assunto, como exposições e demais atividades interativas. Seu relato compõe a versão final do documentário, por trazer a perspectiva de uma gestora de instituição escolar que tem vivência no combate e prevenção ao *bullying*.

3.2 Produção

Na etapa de produção, foram executadas as entrevistas em vídeo com as fontes colhendo relatos que ilustravam determinados pontos recorrentes do *bullying* e que traçou a linha narrativa do documentário. Em todos os casos, foram aplicadas entrevistas de profundidade, um modelo que tem o intuito de obter informações, reflexões e experiências sobre determinado tema.

Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Deste modo, como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas (DUARTE, 2009, p. 63 *apud* MOURA; ROCHA, 2017, p. 167).

Para as entrevistas que visavam recolher os relatos, utilizou-se de perguntas semi-estruturadas que norteiam seu andamento mas deixando a fonte livre para prestar seu relato. Assim, as fontes abordaram sobre suas experiências com o *bullying*, relatando eventos ocorridos com os próprios ou com seus filhos. Já na entrevista realizada com a psicóloga, as perguntas obtiveram um caráter mais fechado que buscavam abordar pontos específicos sobre a temática. Em ambos os casos, foram utilizadas duas câmeras NIKON D3200, uma lente 30mm para o plano principal, uma lente 50mm para captação de segundo plano e dois tripés disponibilizados pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. Além disso, foram utilizados um microfone de lapela para a captação de som, e um estabilizador de câmera para captação de imagens de off, ambos adquiridos por mim.

Além dos relatos, foram também roteirizadas e gravadas imagens em que eu enquanto diretor do documentário me pus como locutor no mesmo, apresentando informações que contextualizam e complementam os relatos expostos ao longo do curta. Tais imagens foram gravadas em um colégio municipal de Viçosa - MG, escolhido pela localidade da instituição que facilitava seu acesso. Informações essas obtidas através da leitura prévia de bibliografias referentes ao tema e, também, na entrevista realizada com a psicóloga Eliane. O cenário de uma escola foi escolhido para ambientar o documentário com a temática, trazendo espectador para dentro de espaços em que a prática do *bullying* podem acontecer.

Para encerrar as gravações, foram feitas imagens de três instituições de ensino, sendo duas delas particulares e uma pública, para compor o documentário e darem suporte midiático as narrativas expostas, além de comporem a introdução do curta. A primeira foi o Instituto Nossa Senhora do Carmo, localizado na cidade de Guaratinguetá -SP. Essa instituição foi escolhida por ser localizada próxima a cidade onde meus pais residem e pelo fato do meu irmão estudar na mesma, o que facilitou o contato com os dirigentes da mesma. Em um primeiro momento, pretendia-se gravar imagens da escola vazia para elaboração da introdução do documentário e também para cobertura, bem como imagens dos alunos e entrevista com profissionais que tivessem experiência com o assunto. Porém, a instituição autorizou apenas a gravação de imagens dos ambientes da escola vazios, sem que fossem mostrados o nem o nome da escola, nem os alunos. Também não houve a disponibilização para realização de entrevista.

A segunda instituição particular foi o colégio Piano de Pano, localizado na cidade de Nova Friburgo no Rio de Janeiro. Foi selecionada pela proximidade com a diretora e

proprietária da escola, sendo ela mãe de uma amiga pessoal. A diretora se disponibilizou a dar entrevista sobre o tema bullying, além de abrir as portas da escola para a realização de filmagens para off.

A instituição pública escolhida foi a Escola Municipal Coronel Antônio Silva Bernardes (CASB) por ser localizada em Viçosa - MG, o que facilitou o deslocamento até a mesma. Nela foram realizadas filmagens para captar os alunos frequentando seus espaços naturais no ambiente escolar, como quadras e corredores. Por se tratarem de imagens de menores de idade, foi solicitado por parte da direção do colégio que as mesmas não focassem o rosto dos alunos, para não expô-los e/ou vinculá-los a prática do *bullying*. Além disso, utilizou-se da locação da instituição para gravar as passagens que integram o roteiro.

Com exceção da entrevista com Naiara e das imagens de off captadas em uma das instituições particulares de ensino, em todos os momentos de gravação obtive auxílio de amigos meus, que me ajudaram no manuseamento das câmeras, ajustes na luz e captação de som.

Ainda nesta etapa, desenvolveu-se a identidade visual do presente trabalho. Para tal, foram contratados os serviços de um amigo pessoal e profissional do design que elaborou a logomarca do documentário, assim como a arte de capa do DVD. Como características principais, temos a presença do elemento visual do Sino, remetendo aos sinos das escolas que anunciam os inícios e términos das aulas e o horário do recreio. Temos também a ilustração principal da capa que é composta por uma mão com palavras normalmente utilizadas no ato da prática do bullying escritas no pulso como “gordo” e “nerd”, além da figura de uma pessoa em situação de isolamento e aparente “pressão” feita com a mão.

3.3 Pós-produção

Na etapa de pós-produção, foi feita a decupagem de todas as entrevistas e a seleção das entrevistas e seus respectivos trechos que viriam a compor a estrutura do documentário. Nessa etapa, é importante ressaltar algumas percepções sobre os relatos e a narrativa construída a partir da captação das imagens *in locu*. Ao reunir todos os relatos, percebeu-se que, não intencionalmente, todas as fontes entrevistadas foram vítimas de *bullying*, incluindo a diretora e a psicóloga entrevistadas. No que tange aos seus papéis de fontes oficiais, não foi pré-requisito para a seleção dessas vozes a experimentação pessoal com o *bullying*, apenas sua relação profissional com o mesmo. Observou-se também, que as diferentes visões e

situações relatadas ao longo do documentário acabaram se envolvendo em uma certa contradição, o que abre espaço para um espectro amplo de pontos de vista e recortes da realidade diferentes envoltos na temática.

Além disso, foi feita a seleção de imagens veiculadas em telejornais que retrataram casos de tiroteios em escolas que tiveram grande repercussão e impacto no meio social. Essas imagens serviram de *off* para acompanhar o texto gravado pelo locutor em estúdio que falava sobre a relação do bullying com esses atentados. Os três casos escolhidos foram: o Massacre de Columbine, ocorrido nos EUA no ano de 1999 que é o principal atentado deste gênero, recebendo referências de outros atiradores até hoje ao realizarem ataques de mesma natureza; o Massacre de Realengo, ocorrido na cidade de Realengo no Rio de Janeiro em 2011 e o Massacre de Suzano em São Paulo no ano de 2019. A escolha das imagens de reportagens jornalísticas sobre o tema se deu pelo intuito de mostrar a forma como esses fatos impactaram os meios midiáticos e tomaram grandes proporção nos mesmos, com a finalidade de alertar sobre um fenômeno em expansão.

Após isso, foi realizada a edição e animação do documentário que resultou em seu primeiro corte. Por conta do limite de tempo para o curta e para melhor organização e fluidez do documentário foi cortada a entrevista com a psicóloga, uma vez que as informações obtidas por parte dela acabaram integrando o texto gravado pelo locutor. Por fim, foram feitos ajustes finais na narrativa do documentário e o curta foi finalizado e apresentado aos orientadores do trabalho. As orientações com orientadora e co-orientador do projeto foram realizados ao longo de todo o processo de execução do trabalho, desde a pré-produção até a pós-produção, englobando também a posterior elaboração do presente memorial. Por fim, foram selecionados os membros para a banca avaliadora da apresentação do trabalho e definida a data para a mesma.

Ainda nesta etapa, foram selecionadas as músicas que viriam a compor a trilha sonora do documentário em forma de background. Para isto, foram selecionadas duas trilhas para a composição da introdução do documentário, além de mais três trilhas utilizadas uma em cada relato que compõe o documentário, com o intuito de prender a atenção e sensibilizar o espectador junto às narrativas. Todas essas trilhas foram retiradas de um portal online que disponibiliza *backgrounds* e efeitos sonoros sem *copyright*. Por fim, com a ajuda do técnico de som do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa, Leandro Vieira, foi regravada uma canção do imaginário do diretor para acompanhar os

créditos finais do curta. A música em questão seria uma adaptação do hino do colégio em que estudei e onde experimentei a violência abordada neste trabalho. Todas as trilhas são instrumentais, não contendo, portanto, nenhum vocal, para simbolizar o caráter silencioso do *bullying*.

Para a realização deste trabalho, foi necessário o investimento monetário em algumas situações a fim de prezar pela qualidade e viabilizar alguns processos do mesmo. Investimos R\$120,00 na compra de um estabilizador de câmera para captação de imagens *off*, R\$80,00 na compra de um microfone de lapela para captação de som e R\$180,00 em um HD externo para armazenar todos os arquivos necessários ao longo da produção do trabalho. Além disso, foi necessário deslocar-se para a cidade de Nova Friburgo para a realização da entrevista com Tânia Theophilo, o que agregou aproximadamente R\$600,00 ao orçamento deste trabalho, além do deslocamento até o distrito de São José do Triunfo para a realização da entrevista com Paloma, agregando cerca de mais R\$8,00 para o orçamento. Totalizando um orçamento de aproximadamente R\$988,00 para realização do documentário O Recreio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de minha graduação adquiri inúmeros conhecimentos de diversas áreas da comunicação assim como me aventurei em diversos formatos do fazer jornalístico. Dentre os formatos que mais me identifiquei, o audiovisual é um destaque. A possibilidade de dar voz a diferentes pautas e temáticas com uma ferramenta que por meio do áudio e vídeo impacta de forma direta aquele que assiste, é algo que me motiva no ato de fazer jornalismo. A afinidade com a atividade de reunir e organizar imagens e sons com o intuito de criar uma narrativa a partir da montagem desses materiais agregou ainda mais para a escolha do formato.

Junto à isso, minha experiência de vida com o *bullying* é algo que sempre esteve presente e nítido no meu imaginário, uma vez que episódios desse gênero nos marcam e nos moldam enquanto cidadãos que nos tornamos ao longo do amadurecimento enquanto ser social. Por conta disso, sempre me interessei em saber, acompanhar notícias e pesquisas sobre o assunto. Através dessa constante observação, percebi que por muitas vezes se falava sobre o *bullying* de forma equivocada, o que acabava por banalizar o seu real sentido. Isso, junto a percepção por experiência própria de que muitas vezes é difícil relatar o *bullying* enquanto o vivencia, tornando essa prática uma violência silenciosa, me motivou a produzir um documentário que tivesse como objetivos propor um espaço de fala para vítimas e demais agentes da prática do *bullying* relatarem suas vivências com o tema e apresentar informações estruturais e reflexões sobre a temática do *bullying*.

A oportunidade de conhecer e vivenciar os espaços de cada uma das personagens deste documentário, assim como ouvir seus relatos foi uma experiência engrandecedora, tanto pessoal quanto profissionalmente. Me identificar com os relatos durante as entrevistas me trouxe uma grande aproximação com o tema, o que me motivou a criar uma narrativa que valorizasse as experiências vividas por cada uma das personagens. Da mesma forma que a vontade de expor informações sobre as principais características e consequências do *bullying* me permitiu trabalhar mais próxima a linha do jornalismo ao longo do documentário. Isso, aliado à oportunidade de produzir tecnicamente um documentário, estando envolvido em todas as suas etapas de produção, foi de grande experiência profissional para a minha formação.

As diversas leituras feitas sobre a temática principal, assim como os diferentes gêneros jornalísticos presentes na construção da narrativa do documentário, me enriqueceram como

comunicador e agregaram meu referencial teórico de mundo da comunicação. Assim como auxiliaram diretamente na elaboração do roteiro, trazendo os principais pontos para o foco das lentes.

Agradeço imensamente a oportunidade de poder realizar um projeto experimental audiovisual podendo pesquisar e relatar sobre uma violência que vivenciei durante três anos da minha vida. Creio que um dos pontos centrais da função jornalística é denunciar e possibilitar a discussão de problemáticas sociais existentes no contexto contemporâneo. Com isso sinto que realizei um trabalho que me permitiu unir minha profissão para falar sobre uma experiência própria. Além de poder aprender, testar e aprimorar habilidades técnicas para se produzir um produto audiovisual. Todas essas experiências me deixam com sensação de dever cumprido na conclusão dessa etapa marcante da minha vida. Espero poder desenvolver cada vez mais minhas habilidades nesses quesitos, e continuar cumprindo com meu dever jornalístico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, D.C; ZUIN, A.A.S. Do Bullying ao preconceito: Os desafios da barbárie à educação. Psicologia & Sociedade, São Paulo, 2008

BANDEIRA, Cláudia; HUTZ, Cláudio. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. Psicol. Esc. Educ. vol.16 no.1 Maringá Jan./June 2012

BERGER, K. S. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? Developmental Review, 27, 90-126.

CALHAU, Lélío Braga. Bullying: O que você precisa saber. Identificação, prevenção e repressão. Niterói - RJ: Impetus, 2ª edição - 2010.

JABES, Valéria; COSTA, Jaqueline. Bullying Escolar Na Perspectiva Do Gênero Masculino e Feminino. UNOESTE. Presidente Prudente/SP. 2013.

NETO, Aramis A. Lopes. Bullying comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria - Vol. 81, Nº5(Supl), 2005.

MELO, Cristina. O documentário como gênero audiovisual. Comun. Inf., v. 5, n. 1/2, p.25-40, jan/dez. 2002

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas: SP. Coleção Campo Imagético. 5.ed. Papirus, 2005.

PENAFRIA, Manuela. O Filme Documentário: História, identidade, tecnologia. Edição Cosmos. Lisboa. 1999.

SOUZA, G. (2007). Fronteiras (in)definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo. Caligrama (São Paulo. Online), 3(1).
<https://doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2007.64872>

SANTOS, Giovana Silveira; SANTOS, Vanessa Matos. Nem tudo é o que parece: entre o documentário e a reportagem televisiva no caso da boate kiss. Revista GEMInIS, São Carlos, UFSCar, v. 8, n. 3, pp.150-167, set./dez. 2017.

VIEIRA, Timoteo Madaleno; MENDES, Francisco Dyonísio Cardoso; GUIMARÃES, Leonardo Conceição. De Columbine à Virgínia Tech: Reflexões com Base Empírica sobre um Fenômeno em Expansão Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 22, núm. 3, 2009, pp. 493-501

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm - acesso em 10/05

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/04/bullying-motivou-87-de-ataques-em-escolas-diz-estudo-dos-eua.html> - acesso 19/05

<https://www.boavontade.com/pt/educacao/bullying-tem-como-consequencia-ate-suicidio-saiba-identificar> - acesso 19/05

<http://www.cmaj.ca/content/190/2/E37> - acesso em 19/05

<http://www.oecd.org/education/talis-2018-results-volume-i-1d0bc92a-en.htm> - acesso em 01/07

<https://www.oecd.org/pisa/PISA-2015-Brazil-PRT.pdf> - acesso em 01/07

<http://www.dm.com.br/cotidiano/2017/11/brasil-e-o-quarto-pais-com-maior-pratica-de-bullying-no-mundo-diz-unicef.html> - acesso 19/05

ANEXOS
ROTEIRO DOCUMENTÁRIO: O RECREIO
ROTEIRISTA: João Victor Spinella

<p>INTRODUÇÃO</p> <p>Imagens de cobertura(ambientes escolares vazias, como salas de aula, quadras e corredores)</p> <p>GC com localidades das escolas retratadas nas imagens (Guaratinguetá - SP, Nova Friburgo - RJ)</p> <p>FADE OUT NA IMAGEM</p> <p>FADE IN IMAGEM DE CORREDOR DE ESCOLA</p> <p>GC: VIÇOSA - MG</p> <p>Texto na tela: O RECREIO</p> <p>Texto na tela com tarja animada: DIRIGIDO POR JOÃO VICTOR SPINELLA</p> <p>Imagens de cobertura(jovens no espaço escolar durante recreio e atividades ao ar livre)</p> <p>FADE OUT</p> <p>PASSAGEM - CÂMERA ABERTA</p>	<p>SOBE SOM: Trilha Dramática</p> <p>FADE OUT NA TRILHA</p> <p>EFEITO SONORO: Sino Escolar</p> <p>SOBE SOM: Trilha Brilhante</p> <p>FADE OUT</p> <p>OLÁ, SEJAM BEM-VINDOS AO RECREIO! EU SOU JOÃO VICTOR E ESTOU AQUI</p>
---	---

<p>Animação de documento da lei cobrindo narração</p>	<p>PARA FALAR DE UMA REALIDADE QUE ATINGE CERCA DE 150 MILHÕES DE CRIANÇAS AO REDOR DO MUNDO: O BULLYING!</p> <p>DE ACORDO COM A LEI N. 13.185 DE NOVEMBRO DE 2015 DA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA O BULLYING É “TODO ATO DE VIOLÊNCIA FÍSICA OU PSICOLÓGICA, INTENCIONAL E REPETITIVO QUE OCORRE SEM MOTIVAÇÃO EVIDENTE, PRATICADO POR INDIVÍDUO OU GRUPO, CONTRA UMA OU MAIS PESSOAS, COM O OBJETIVO DE INTIMIDÁ-LA OU AGREDI-LA, CAUSANDO DOR E ANGÚSTIA À VÍTIMA, EM UMA RELAÇÃO DE DESEQUILÍBRIO DE PODER ENTRE AS PARTES ENVOLVIDAS.”</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA ABERTA Texto na tela com tarja animada: TO BULLY</p>	<p>O TERMO DE ORIGEM INGLESA PROVÉM DO VERBO TO BULLY, QUE SIGNIFICA AGREDIR, INTIMIDAR, ATACAR.</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA FECHADA</p>	<p>A PRÁTICA DO BULLYING ENVOLVE DIFERENTES COMPORTAMENTOS PODENDO SER CLASSIFICADO EM QUATRO CATEGORIAS</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA ABERTA Texto na tela com tarja animada: FÍSICO VERBAL RELACIONAL CYBERBULLYING</p>	<p>O FÍSICO, QUE ENVOLVE SOCOS, CHUTES, EMPURRÕES E ATÉ ROUBO DE OBJETOS PESSOAIS. ESSE TIPO DE VIOLÊNCIA TENDE A DIMINUIR COM O AVANÇO DA IDADE O VERBAL, QUE INCLUI OFENSAS, APELIDOS HUMILHANTES E DISSEMINAÇÃO DE BOATOS. MAIS COMUM QUE O FÍSICO, ESSE TIPO DE VIOLÊNCIA TENDE A PIORAR COM O AVANÇO DA IDADE O RELACIONAL, QUE AFETA AS</p>

	<p>RELAÇÕES SOCIAIS DA VÍTIMA COM SEUS COLEGAS. UM EXEMPLO DESSA VIOLÊNCIA É A EXCLUSÃO DE UMA CRIANÇA DAS ATIVIDADES COLETIVAS COMO BRINCADEIRAS, TRABALHOS ETC. ESSE TIPO DE VIOLÊNCIA É MAIS PREDOMINANTE E TAMBÉM MAIS NOCIVO A PARTIR DA PUBERDADE.</p> <p>E O CYBERBULLYING, QUE ACONTECE QUANDO OS ATAQUES SÃO FEITOS A PARTIR DE MEIOS ELETRÔNICOS E REDES SOCIAIS</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA FECHADA</p>	<p>É MUITO IMPORTANTE LEMBRAR QUE APENAS ESSES COMPORTAMENTOS EM SI NÃO SÃO VISTOS COMO BULLYING QUANDO ACONTECEM DE FORMA ISOLADA. O FATOR PRINCIPAL QUE DEFINE ESSA PRÁTICA É A FREQUÊNCIA COM QUE ESSAS VIOLÊNCIAS ACONTECEM</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA ABERTA</p> <p>Texto na tela com tarja animada: VÍTIMAS</p>	<p>ALÉM DESSAS 4 CATEGORIAS, EXISTEM TAMBÉM ALGUMAS FIGURAS CHAVE DENTRO DESSA REALIDADE</p> <p>A PRIMEIRA SÃO AS VÍTIMAS, INDIVÍDUOS QUE SOFREM ESSAS VIOLÊNCIAS DE FORMA CONSTANTE. NORMALMENTE, SÃO ESCOLHIDAS COMO ALVOS POR POSSUIREM ALGUMA CARACTERÍSTICA QUE NÃO SE ENCAIXA EM UM DETERMINADO PADRÃO. OS PRINCIPAIS ALVOS QUE SE OBSERVAM NO DIA A DIA SÃO CRIANÇAS GORDAS OU MAGRAS, ALTAS OU BAIXAS, CRIANÇAS NEGRAS, PARDAS, DE RELIGIÕES NÃO CRISTÃS, DE LUGARES DIFERENTES, DE CULTURAS DIFERENTES ETC.</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA FECHADA</p>	<p>PARA ENTENDERMOS UM POUCO MAIS</p>

<p>Imagens do relato:</p> <p>Imagens de Paloma e Artur posicionados frente à câmera no momento da entrevista, imagens de cobertura de João e Paloma correndo pelo quintal, João mostrando seu quarto e seus brinquedos, banner de aniversário do João pendurado na parede, João e Paloma caminhando pela rua, João jogando bola na garagem.</p>	<p>SOBRE O PAPEL DA VÍTIMA, O RECREIO APRESENTA A HISTÓRIA DE JOÃO HENRIQUE...</p> <p>Entrevista com Paloma, mãe de João Henrique</p> <p>Paloma:</p> <p>Eu sou Paloma, tenho 32 anos. Sou nascida e criada aqui em São José do Triunfo. E no ano de 2011, no dia 29 de outubro nasceu o João Henrique que hoje está com 7 anos. O João é uma criança muito extrovertida e ele é uma criança que faz atividades de acordo com a idade dele mesmo. E o que deu um pouquinho de problema pra gente lá no Equipe no ano passado. Começou quando o João estava no LDI com 5 anos. O meu namorado ele é negro então ele sempre ia comigo buscar o João, às vezes a gente levava o João junto na escola e um amigo do João um dia chegou pro João e perguntou: “Se você é dessa cor e a sua mãe é dessa cor, porque seu pai é preto? Então seu pai não é seu pai?” Quando ele veio me falar eu falei: “Sim filho, há várias tonalidades. O negro ele tem várias tonalidades.”. O ano passou e essa criança também foi estudar no equipe com o João. E ai veio a parte difícil. O João chegava da escola e fazia as atividades e ia brincar debaixo do cobertor. E eu achei que era uma coisa normal da idade. E isso foi passando e ele sempre falando que os colegas não queriam brincar com ele. Até que um dia ele deitado comigo vendo televisão ele me disse assim: “Mãe, eu posso chorar?” E eu falei pode. Ele disse “Mãe, eu preciso chorar”. Então ele começou a chorar e ai ele falou “Então, o amiguinho disse que quando eu nasci eu era preto bem preto e que preto é cor de piche, de lama e fede. Ai eu falei pra ele: “João, primeiro que preto não tem nada a ver com isso, preto é uma cor. Ai ele me começou a me contar: “Então mãe os meninos não deixam eu brincar</p>
---	--

com eles, eles falam que o meu cabelo é enroladinho, que meu cabelo é muito feio”. Ele chegou a contar que um desses meninos uma vez pegou o rosto dele e esfregou no chão na quadra. Os coleguinhas puxavam ele pela camisa, teve um dia que ele chegou com o pescoço vermelho e eu perguntei o que aconteceu. Ai ele falou o nome do colega agora não me recordo...

João Henrique:
É Lucas!

Paloma:
É Lucas, e fez “assim” no meu pescoço!

João Henrique:
E teve um dia que eu sai na briga com o Lucas porque ficou me irritando, ai veio na “porrada” comigo fui na “porrada” com ele... acabou “dando ruim!”.

Paloma:
Então teve a reunião de pais, na reunião eles fizeram uma caixinha e cada um tirava uma frase. E na última eu tirei e a pergunta era: Você já sofreu preconceito/bullying ou conhece alguém que já sofreu? Eu já comecei a chorar antes de falar. Eu disse “eu já sofri mas hoje eu não quero falar do que eu já sofri não. Eu vou falar do que aconteceu com meu filho.” E relatei os ocorridos novamente com os pais ali. E quando eu fui relatando uma das coordenadoras me parou, ela não queria que eu continuasse. Ela disse que eu tinha que empoderar meu filho mas eu disse que não importa o quanto uma criança seja empoderada ela vai sentir. Pra finalizar eu disse “sabe porque isso acontece? eu tenho dó dessas crianças que fizeram isso com meu filho porque isso é reflexo do que elas vivem em casa. Por que quando alguém vai na sua casa e faz um serviço ruim você diz ‘alá, fez serviço de

	<p>preto'. Se veem um menino brincando de boneca dizem “larga essa boneca, vai virar bichinha” e eu disse “Não, não larga não. Esse homem um dia pode ser pai. E se for gay também o que que tem?” Então foi assim que eu fechei a reunião e a coordenadora se fechou pra mim depois desse dia mas as crianças mudaram. Eu tive mais acesso a professora e ela falou que o desempenho do João mudou.</p> <p>Documentarista: E qual foi a importância desse seu apoio pra ele?</p> <p>Paloma: Se eu não tivesse ouvido ele a situação poderia ter piorado. E talvez ele fosse hoje a criança que faz bullying com outras. Porque ele ia ver que era uma coisa normal, já que minha mãe não fez nada.</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA ABERTA</p>	<p>JOÃO FAZ PARTE DA ESTATÍSTICA DIVULGADA EM PESQUISA DA ONU DE 2018 QUE MOSTRA QUE 43% DAS CRIANÇAS E JOVENS DO BRASIL JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE BULLYING POR RAZÕES COMO APARÊNCIA.</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA FECHADA</p>	<p>O BULLYING TAMBÉM PODE TRAZER DIFERENTES CONSEQUÊNCIAS PARA AS VÍTIMAS DEPENDENDO DA IDADE. UMA PESQUISA REALIZADA PELA ACADEMIA AMERICANA DE PSIQUIATRIA INFANTIL E ADOLESCENTE E DIVULGADA EM SETEMBRO DE 2019 MOSTRA QUE ADOLESCENTES ENTRE 12 E 15 ANOS QUE SOFREM BULLYING NA ESCOLA APRESENTAM ATÉ TRÊS VEZES MAIS</p>

<p>TRANSIÇÃO ANIMADA</p> <p>PASSAGEM - CÂMERA ABERTA Texto na tela com tarja animada: AGRESSORES</p>	<p>RISCO DE TENTAR SUICÍDIO.</p> <p>SE DE UM LADO TEMOS AS VÍTIMAS QUE SOFREM COM ESSAS AGRESSÕES, DE OUTRO TEMOS OS AGRESSORES. NORMALMENTE CONHECIDOS COMO “VALENTÕES” SÃO OS RESPONSÁVEIS POR PRATICAR ESSAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS VÍTIMAS. PODEM DESENVOLVER ESSES COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS POR CONTA DA INFLUÊNCIA DE PRÁTICAS SEMELHANTES VEICULADAS NA MÍDIA, PELA FALTA DE AFETO, ATENÇÃO E REGRAS EM CASA, E TAMBÉM POR PRESENCIAR ATOS DE VIOLÊNCIA NO AMBIENTE FAMILIAR</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA FECHADA Texto na tela com tarja animada: VÍTIMAS AGRESSORAS</p> <p>Imagens do relato: Naiara posta diante da câmera no</p>	<p>ALÉM DAS VÍTIMAS E DOS AGRESSORES, EXISTE TAMBÉM UM IMPORTANTE GRUPO CONHECIDO COMO VÍTIMAS AGRESSORAS. SÃO INDIVÍDUOS QUE SOFREM E PRATICAM O BULLYING.. ESSAS CRIANÇAS NORMALMENTE PASSAM A REPRODUZIR PRÁTICAS DO BULLYING DEPOIS DE TEREM SIDO ALVOS DESSA VIOLÊNCIA, PODENDO TER BAIXA AUTO ESTIMA E ATITUDES AGRESSIVAS, TENTANDO HUMILHAR OUTROS INDIVÍDUOS PARA ESCONDEREM SUAS PRÓPRIAS INSEGURANÇAS. PARA ENTENDER UM POUCO MAIS SOBRE ESSE IMPORTANTE PAPEL DA TEMÁTICA BULLYING, CONHEÇA A HISTÓRIA DE ARTHUR...</p> <p>Naiara:</p>

momento da entrevista, Artur jogando video game, Naiara mostrando fotos antigas de Artur

Meu nome é Naiara, tenho 30 anos. Tenho o Artur de 10 anos e a Alice de 7 anos. Aqui mora só eu e meus filhos. Eu sou separada, eles têm convívio com o pai mas é aos fins de semana. Com o Artur começou quando ele devia ter de uns 2 para 3 anos. Ele tinha um amiguinho que eles eram muito amigos, e eu gostava da amizade deles. Os pais eram estudantes, esse menino vinha em casa brincava, eu sempre permiti que isso acontecesse. Ai foi passando alguns anos, a amizade deles foi ficando uma coisa meio...o menino abusava. "Ai eu fui na casa do Artur", na época minha casa estava em construção. Então ele falava umas coisas que magoavam o Artur. isso foi inibindo ele. Ele ficava muito travado na escola. Mas ai depois eu entrei pra trabalhar na escola em que ele estudava. E foi ai que os problemas maiores começaram a vir com esse menino que infelizmente saia de casa. Ele distorcia as histórias, ele falava pros pais dele que o Artur fazia as coisas com ele. A gente que estava na escola, os professores e até os diretores viam que aquilo não havia acontecido. Coisa de "punhar" apelido muitas vezes o Artur chorou, as vezes ele ia pro canto chorar sozinho depois ele vinha me falar o que tava acontecendo. E quando deu meu processo de separação também foi motivo para os coleguinhas ficaram falando coisa. Falava "ah, agora você não vai ter pai mais". Essas coisas que criança fala. Ai eu vi que realmente não tava bom. Ai veio o processo de eu não querer continuar a trabalhar lá mais e eu decidi sair. Ai eu passei ele pra escola pública. Lá na escola pública a situação reverteu, aquele bullying que ele passava na escola ele passou a fazer com as crianças. Então as vezes ele falava com as crianças "você não tomou banho não? Você não tá com o cheiro bom". E com isso eu tava sendo muito chamada na escola e a psicóloga falou comigo: "Tudo que ele passou, tudo que ele não se sentia bem quando faziam com ele, ele tá fazendo agora como o colega." E ele acha graça de fazer porque o outro fazia, eu acho que ele até chegou a falar isso pra ela. Então foi uma situação muito ruim, no início

desse ano teve uma menina da sala que ele não conseguia conviver com ela. Ele falava que ela não prendia o cabelo, que ele não gostava de sentar perto dela porque ela não tem cheiro bom. E teve um dia que ela chegou perto de mim e falou “oh tia, conversa com seu filho para ele parar de me tratar assim porque eu to ficando muito triste.” Ai cheguei em casa e tive uma conversa muito séria com ele. Ai eu falei com ele “você já se perguntou o porque ela tá com cheiro ruim? Você sabe como é a vida na casa dela? Você sabe se ela tem condições? Ai ele já ficou bem pensativo e foi quando eu decidi dar castigo pra ele. Tirei o videogame dele. Ai eu procurei a professora dele e falei que eu queria que ele ficasse sentado atrás dela. Ai naquela semana ele chegou com uma cartinha da menina pra ele. Ai ele foi e falou que ela tinha feito pra ele e que agora eles iam ser colegas.

Esse ano o tema que a escola trabalhou na língua portuguesa, e ainda tá trabalhando, é o bullying. Eu sempre tive contato com as professoras e eu sempre perguntei, então ela já falou que foi trabalhado essa questão porque hoje em dia acontece demais nas escolas e tá cada vez mais comum. E ai aconteceu de vim no momento certo, porque o arthur realmente precisava trabalhar isso pra ele parar com essa prática porque tava demais mesmo. Assim, era coisa que magoava os coleguinhas mesmo, que nem essa menina que eu contei. E ai teve textos, eu cheguei a ler algumas redações dele falando sobre isso, e no meio das redações dele eu fui vendo que foi mudando os pensamentos dele.

Todas as duas psicólogas que ele passou, me falou: É tudo questão do que ele passou. Ele não falava às vezes, muitas vezes ele guardou pra ele mas ele tem a recordação daquelas piadinhas, daquele amiguinho que falava. Igual a psicóloga dele disse que ele chegou a falar na primeira consulta desse amiguinho. Mas ele disse que nunca mais o viu. Eu falei: graças a Deus né.

<p>PASSAGEM - CÂMERA ABERTA Texto na tela com tarja animada: TESTEMUNHAS</p> <p>TRANSIÇÃO ANIMADA</p> <p>NARRAÇÃO EM OFF Imagens de cobertura (placas de estrada indicando a cidade de Nova Friburgo, imagens da escola, imagens de Tânia em seu ambiente de trabalho)</p> <p>Imagens do relato: Imagens de Tânia posta em frente a câmera no momento da entrevista, imagens de elementos de sua escola como salas de aulas, cartazes, mesas, mochilas, quadra etc.</p>	<p>BOM, SE VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUM EPISÓDIO DE BULLYING E NÃO ERA NEM A VÍTIMA NEM O AGRESSOR, SAIBA QUE VOCÊ TAMBÉM DESEMPENHA UM IMPORTANTE PAPEL NO CONTEXTO DO BULLYING, O DAS TESTEMUNHAS. A MAIORIA DOS INDIVÍDUOS QUE COMPÕEM ESSE GRUPO SE SENSIBILIZAM COM A SITUAÇÃO DAS VÍTIMAS, MAS ACABAM NÃO TOMANDO NENHUMA ATITUDE POR MEDO DE SE TORNAREM OS PRÓXIMOS ALVOS OU POR PIORAREM A SITUAÇÃO DA VÍTIMA.</p> <p>PARA ENTENDER SOBRE O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO CONTEXTO DO BULLYING, EU FUI ATÉ A CIDADE DE NOVA FRIBURGO, REGIÃO SERRANA DO RIO DE JANEIRO, PARA CONVERSAR COM A PROPRIETÁRIA E DIRETORA DE UM COLÉGIO PARTICULAR. ALÉM DE SUA EXPERIÊNCIA, A EX PROFESSORA TAMBÉM FALA SOBRE SUA EXPERIÊNCIA COM O BULLYING</p> <p>Tânia: A questão de trabalhar o bullying é complicado tanto na esfera pública quanto na particular. Um pouco menos na escola particular, porque eu como dona posso colocar algumas regras, manifestar minha vontade, decidir, tem o poder de decisão, para algumas questões relacionadas ao bullying. Mas também somos na escola particular, nós somos também muito refêns de pais que não encaram com naturalidade o filho</p>
---	---

cometendo ato de bullying, não aceitam e portanto não tomam nenhuma atitude que a gente pede normalmente. Que é encaminhar pra um psicólogo, conversar em casa e ir atrás do X da questão, de como surgiu, de porque ele está cometendo bullying.

A gente tenta conversar com esse aluno, a gente tenta conversar com quem sofreu bullying, ajudar e tenta mostrar pra quem cometeu este ato que a vida não é assim, que ele é um igual, que ele tem as mesmas condições, ou não tem condições nenhuma. Mas que eles estão no mesmo barco, mas é complicado porque ele já vem de uma situação no no seu bairro, na sua rua ele já vem sofrendo bullying. Então muitos o que eles fazem? Eles reproduzem esse bullying.

A criança que sofreu bullying na escola particular ela vai ter o apoio da escola e do professor, ela vai ter também obviamente conversando com os pais um olhar diferenciado para que aquilo seja sanado. Ela vai ter um apoio psicológico. Mas a gente não consegue parar o bullying porque o pai do agressor não compreende.

Na escola a gente coloca essas questões de bullying, questões de agressão física caso surja, a gente coloca nas reuniões de pais. No início do ano a gente realiza uma reunião geral com os pais pra passar as normas da escola. Ai nessa reunião a gente já cita a questão de que se o aluno precisar ser encaminhado para quaisquer questões relacionadas a parte emocional, a parte psicológica, parte de agressividade, a parte de contato com outro aluno se não tiver satisfatório, ele vai ser encaminhado para um psicólogo para fazer uma avaliação. Porque nós professores podemos detectar mas não podemos diagnosticar, não podemos tratar um aluno com

	<p>questões relacionadas a conduta dele, social dentro da escola.</p> <p>Mas também somos na escola particular, nós somos também muito reféns de pais que não encaram com naturalidade o filho cometendo ato de bullying, não aceitam e portanto não tomam nenhuma atitude que a gente pede normalmente. Que é encaminhar pra um psicólogo, conversar em casa e ir atrás do X da questão, de como surgiu, de porque ele está cometendo bullying</p> <p>E a questão de desenvolver projetos a gente faz projetos com os alunos, trabalho com livro, caderno, folha, exposição e nós já realizamos ano passado um trabalho amplo em que os pais vieram visualizar, participar, responder perguntas, enquetes sobre bullying. Porque muitos pais sofreram bullying, muitos pais não tem ideia do que é o bullying.</p> <p>Na escola pública tem bullying sim, em todos os sentidos, na sala de aula. E existe uma questão que eles exploram muito, que é a questão da força. Então os alunos, tem uma precariedade de um modo geral, tem pouca grana. Então às vezes eles desejam bens materiais que eles não podem ter então eles também fazem bullying de tirar dinheiro por parte do colega da sala. As meninas também fazem bullying. Então eu vejo que todo mundo tem que estar dentro de uma mesma caixinha, tem que estar rotulado, tem que ser igual</p> <p>Na escola pública é muito difícil ter contato com o pai. O pai é ausente. Eu já tive diversas experiências ruins na escola pública, as vezes de chamar o pai pra ir conversar conosco pra falar de questões desde nota até de atitude, e o pai chegar na escola e falar assim “quando chegar em casa eu vou continuar te queimando com</p>
--	---

	<p>ferro” “eu vou continuar queimando com cigarro”, então a gente assim ficava com muito medo de contar pros pais que o filho tava tendo uma atitude inapropriada, porque ele ia sofrer em casa também uma consequência pior. E ai ele também ia continuar praticando o bullying. Em termos de direção de escola pública não temos muito apoio e o governo não dá apoio nenhum, o sistema não quer saber de nenhum problema. Ele quer saber só de resultados, mesmo que sejam resultados falsos em provas, em concursos, em avaliações do MEC. Ele quer mentira, ele quer mostrar um número que não existe. Número de alfabetizados, números de conclusões do fundamental e do ensino médio. Ele só quer nota, ele só quer estatística. O ser humano não importa, o aluno é um número.</p> <p>Eu vejo o bullying como uma grande pedra na vida da criança, da pessoa. E eu me vejo muito pequena quebrando um pedaço dessa pedra, tirando para vazar um pouco de luz lá dentro para ver se essa luz quebra essa pedra</p>
<p>EFEITO DE TRANSIÇÃO ANIMADO</p>	
<p>PASSAGEM - CÂMERA ABERTA Texto na tela com tarja animada: SCHOOL SHOOTING</p>	<p>ALÉM DAS CONSEQUÊNCIAS JÁ CITADAS QUE A PRÁTICA DO BULLYING PODE TRAZER PARA AS VÍTIMAS, EXISTE UM GRANDE E PREOCUPANTE FENÔMENO QUE VEM GANHANDO ESPAÇO NA MÍDIA QUE TEM COMO CAUSA RECORRENTE O BULLYING: OS SCHOOL SHOOTINGS.</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA FECHADA</p>	<p>O TERMO INGLÊS PODE SER TRADUZIDO COMO “TIROTEIOS NA ESCOLA” E É USADO PARA SE REFERIR AOS MASSACRES TERRORISTAS REALIZADOS EM ESCOLAS.</p>

<p>Imagens de cobertura (arquivo online de noticiários reportando as tragédias e vídeos de câmeras dos circuitos internos das instituições)</p>	<p><i>O ATAQUE DE MAIS RELEVÂNCIA DESSE TIPO É CONHECIDO COMO O MASSACRE DE COLUMBINE, OCORRIDO NOS EUA NO ANO DE 1999. DOIS ALUNOS DA COLUMBINE HIGH SCHOOL ABRIRAM FOGO CONTRA ALUNOS E PROFESSORES DA INSTITUIÇÃO DEIXANDO 12 ALUNOS E UM PROFESSOR MORTOS, ALÉM DE 21 FERIDOS. APÓS A REALIZAÇÃO DO ATAQUE A DUPLA SE SUICIDOU. ATÉ HOJE, ALGUNS ATIRADORES SE INSPIRAM E FAZEM REFERÊNCIA À COLUMBINE QUANDO REALIZAM ATAQUES DESSE GÊNERO.</i></p> <p><i>NO BRASIL, DENTRE AS PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS DESSE FENÔMENO TEMOS O MASSACRE DE REALENGO, OCORRIDO EM 2011 NO RIO DE JANEIRO, DEIXANDO 12 JOVENS MORTOS ENTRE 13 E 16 ANOS, ALÉM DE 22 FERIDOS. E O MAIS RECENTE ATAQUE QUE FICOU CONHECIDO COMO O MASSACRE DE SUZANO QUE DEIXOU 5 ESTUDANTES E DUAS FUNCIONÁRIAS MORTAS, ALÉM DOS DOIS ATIRADORES, NO INTERIOR DE SÃO PAULO NO ANO DE 2019.</i></p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA ABERTA</p>	<p>EM TODOS ESSES CASOS, QUE TIVERAM GRANDE REPERCUSSÃO NA MÍDIA, OS EPISÓDIOS DE HUMILHAÇÃO E EXCLUSÃO VIVENCIADOS PELOS PROTAGONISTAS DOS MASSACRES FORAM APONTADOS COMO UMAS DAS CAUSAS QUE MOTIVARAM ESSES INDIVÍDUOS A SE VOLTAREM CONTRA SUAS PRÓPRIAS COMUNIDADES ESCOLARES COM SENTIMENTO DE VINGANÇA.</p>
<p>PASSAGEM - CÂMERA FECHADA</p>	<p>ESSA É UMA TRISTE REALIDADE QUE SE</p>

	<p>FAZ PRESENTE NOS TEMPOS ATUAIS O QUE CAUSA GRANDE PREOCUPAÇÃO PELA FALTA DE INTERESSE E/OU COMPETÊNCIA DOS PAIS, PROFESSORES, DIRETORES E COLEGAS PARA SE APROXIMAREM DESSAS VÍTIMAS COM O OBJETIVO DE AUXILIÁ-LOS NESSE CONTEXTO DE INTENSA VIOLÊNCIA VIVENCIADO POR ELES.</p>
<p>ENCERRAMENTO PASSAGEM - PLANO ABERTO</p>	<p>O BULLYING, COMO QUALQUER OUTRA VIOLÊNCIA, TEM SUAS CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS QUE DEVEM SER OBSERVADAS E ENTENDIDAS PARA QUE SEJA POSSÍVEL COMBATE-LA E PREVENI-LA. O MAIS CRUEL DESSA PRÁTICA É O FATO DE SE TRATAR DE UMA VIOLÊNCIA QUE ATINGE AS CRIANÇAS, TRAZENDO CONSEQUÊNCIAS FÍSICAS E PRINCIPALMENTE PSICOLÓGICAS PARA AQUELES QUE REPRESENTAM O NOSSO FUTURO. COMO SE NÃO BASTASSE, O BULLYING SE TRATA DE UMA VIOLÊNCIA SILENCIOSA, ONDE MUITAS VEZES PODE HAVER INDIVDUOS EM SITUAÇÃO DE TOTAL DESESPERO E SOFRIMENTO SEM QUE AS PESSOAS AO SEU REDOR CONSIGAM PERCEBER, OU NÃO SAIBAM COMO AJUDAR.</p>
<p>PASSAGEM - PLANO ABERTO APROXIMADO</p>	<p>POR ISSO, É MUITO IMPORTANTE FICAR ATENTO. SEJA VOCÊ PROFESSOR, DIRETOR, MÃE, PAI OU COLEGA: OBSERVE COM CUIDADO AS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS NO SEU AMBIENTE ESCOLAR. SE VOCÊ VIU OU PASSOU POR ALGUM EPISÓDIO DE BULLYING PROCURE UM ADULTO EM QUEM CONFIE E CONVERSE SOBRE O</p>

<p>PASSAGEM - PLANO FECHADO</p> <p>EFEITO SONORO: Sino Escolar</p> <p>CRÉDITOS</p>	<p>OCORRIDO. AFINAL, AO SE VER UMA CRIANÇA SORRINDO SOZINHA DURANTE O RECREIO, VOCÊ PODE ESTAR DIANTE DE MAIS UMA VÍTIMA DESSA VIOLÊNCIA, SEM SABER PARA ONDE IR.</p> <p>POR FAVOR RETORNEM ÀS SUAS SALAS, A AULA JÁ VAI COMEÇAR...</p>
--	---